

Dr. Jonathan Greer, Arqueologia e o Antigo Testamento, Sessão 3, Israel Antigo

© 2024 Jonathan Greer e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 3, Israel Primitivo.

Bem vindo de volta. Vamos agora começar a nossa varredura através de um pouco da história e da cultura que vemos no Antigo Testamento, agora armados com a nossa compreensão dos três C's e também com alguma compreensão de como as diferentes metodologias funcionam na Bíblia e na Bíblia. estudos arqueológicos. Então, quando falamos sobre arqueologia e o Antigo Testamento ou arqueologia e o antigo Israel, começamos com aquela Estela de Merneptah ou Estela de Merneptah que mencionei a vocês em uma discussão anterior. Então, aqui está outra imagem disso.

E data que há alguma diferença de opinião sobre a cronologia egípcia, mas data de 1229 ou 1209 AC. Então, isso está no quadro geral do período histórico. Alguns colocarão isso bem na época do Êxodo, um pouco antes ou um pouco depois.

Há uma discussão sobre como o Êxodo aconteceu. Veremos isso em um próximo slide. Mas esta é, quando falamos de Israel arqueológico, esta é a primeira menção que temos de Israel como povo.

E o trecho desta estela foi descoberto há muito tempo, em 1896, por Sir Flinders Petrie, um arqueólogo excêntrico e em muitos aspectos problemático que fez muito pela área em termos de começar a descobrir como funciona a estratigrafia e também dos primeiros tentativas de namoro, e também um gênio em seu conhecimento e compreensão do mundo antigo. Mas este é um hino de vitória, uma estela de vitória, do Faraó Merneptah, e ele está celebrando a sua vitória sobre muitos povos diferentes. E os antigos egípcios tinham inimigos que colocariam sob a rubrica dos nove arcos, estes nove inimigos tradicionais do Egito.

E em uma seção do hino da qual lerei uma tradução aqui, é isso que Merneptah diz. Os chefes ficam prostrados dizendo: paz, nenhum levanta a cabeça entre os nove arcos, os inimigos tradicionais do Egito. A Líbia é capturada enquanto Hatti é pacificado.

Canaã é saqueada, e alguns defenderão uma estrutura circular neste hino. Portanto, podemos agora pensar em Hatti como a grande região, Canaã mais especificamente, e algumas das cidades-estado e povos dentro desta entidade de Hatti e Canaã.

Ashkelon é levado. Gezer é capturado. Jenoam é feito para a inexistência.

E Israel está desperdiçado. Sua semente não é. É descendência.

E Khuru ficou viúva por causa do Egito. Todas as terras se uniram em paz. Aqueles que circulavam são subjugados pelo rei do alto e baixo Egito e depois por muitos títulos antes de ele dar seu nome a Merneptah.

Então aqui temos esta menção a Israel ao lado das cidades que conhecemos, Ashkelon e Gezer. E uma coisa particularmente interessante é a forma como o nome Israel está escrito. Você vê isso aqui na tela, e na verdade foi escrito de outra maneira.

Eu virei para que possamos ler da esquerda para a direita. Mas este é o nome Yisra'el, na verdade é um R, mas o R e o L mudam de semítico para egípcio. Mas o que quero ressaltar são esses sinais no final da palavra.

Em egípcio isso é o que chamamos de determinantes e você não os lê. Então este é Yisra'el ou Yisra'er. Então, estes dizem algo sobre a palavra que o precede.

Portanto, esses determinantes também são usados em acadiano. Eles ocorrem no início da palavra. Mas aqui em egípcio eles vêm depois e Ashkelon e Gezer, em vez do homem sentado, mulher sentada, têm um símbolo com três tipos de saliências que indicam que são cidades-estado, povos estabelecidos.

O bastão aqui indica que eles são um grupo de pessoas estrangeiras, e os três golpes, os golpes plurais, indicam que é plural. Então, o que é significativo nisso é que identifica Israel como um povo instável, em contraste com Am, Gezer e Ashkelon como povos estabelecidos em uma cidade. Então, isto é fascinante porque corresponde muito às descrições do antigo Israel nos textos bíblicos, seja logo após o êxodo ou no período dos juízes.

Você percebe que eles são, em grande parte, pessoas que se movimentam, pessoas que pastoreiam rebanhos, ovelhas, cabras e gado e vivem em tendas. Muitos estudiosos apontaram a importância dos determinantes na identificação do Israel arqueológico. Como mencionei anteriormente, há discussão, para dizer o mínimo, sobre quem é este Israel e se este é o mesmo Israel mencionado na Bíblia. Portanto, precisamos de mais dados para responder a isso à medida que avançamos.

Bem, este é o primeiro tipo de identificação de Israel pelo nome. Mas outro dado importante que queremos trazer é a explosão de assentamentos nos séculos XII e XI aC. Isto baseia-se em dados de pesquisas onde diferentes arqueólogos compararam a mudança no povoamento entre as idades arqueológicas.

Então, se tivermos o final da Idade do Bronze, cerca de 1550 até cerca de 1200, durante o final do período da Idade do Bronze, no final deste período final da Idade do Bronze, não temos muitos assentamentos que tivessem pessoas neles neste período. . Então, alguns diriam abaixo de 100. Então, em algumas contagens, a contagem de Larry Steger, temos 88 assentamentos do final da Idade do Bronze em Canaã e 36 especificamente na região montanhosa.

Esse é o fim do final da Idade do Bronze. Agora, o que acontece na Idade do Ferro I, ou seja, por volta de 1200 a 1000? As pessoas estão agora estendendo a transição entre o Ferro I e o Ferro II para o final do século X e até mesmo para o século IX. Mas isso é outra coisa, ou mais tarde, dia 10.

De qualquer forma, nesta janela de tempo, temos uma explosão de assentamentos. Havia até 678 assentamentos de 88 a 678, ou 36 a 319 na região montanhosa. E então continuou ainda mais na Idade do Ferro II, a partir dos séculos X ou IX.

Então, até 852 na Idade do Ferro II, 557 especificamente na região montanhosa. Então, o que vemos são alguns assentamentos. Estes são os remanescentes das superpotências do final da Idade do Bronze ou vassalos dessas superpotências do final da Idade do Bronze, das quais falaremos em breve.

E depois esta explosão de colonização que não pode ser explicada pela demografia em termos de reprodução. Não é isso que os estatísticos nos dizem. Isto é muito crescimento e muito pouco tempo.

Então, isso combina muito bem com um monte de gente se estabelecendo. Muitos juntarão essas duas evidências, a estela de Merneptah e a explosão dos assentamentos, e dirão: aqui temos o antigo Israel, o antigo Israel. A questão permanece: de onde eles vieram? Uma terceira peça é a discussão da cultura material destes vários assentamentos.

Tradicionalmente, os arqueólogos notaram um estilo arquitetônico particular, a casa de quatro cômodos que tem um pátio, dois cômodos laterais e um cômodo nos fundos. E observe que esse estilo arquitetônico vem em conjunto com essa explosão de assentamentos. Esqueci de mencionar também na explosão, muitos desses sites, a proliferação de sites está em sites onde antes não existia um site do final da Idade do Bronze, apenas para afirmar o óbvio.

Então, tem mais gente se instalando em mais lugares. Tradicionalmente, uma série de características arquitetônicas e materiais foram identificadas com essas pessoas. A casa de quatro cômodos, o jarro de armazenamento com borda de colarinho, que é um grande recipiente de armazenamento de grãos e de óleo com borda e gargalo distintos que podem ser identificados.

A agricultura em terraços é considerada uma inovação ou pelo menos expandida neste período. Cisternas, essas grandes cavernas, foram escavadas em pontos baixos do terreno no calcário para coletar água que seria então rebocada antes da coleta. E então padrões alimentares específicos que me interessam, como alguém que lida com ossos de animais.

Os arqueólogos, começando pelo meu mentor de ossos de animais, Brian Hesse, notaram uma distinção nos perfis da fauna, os restos de ossos de animais de locais da região montanhosa com locais da planície costeira, tradicionalmente associados a Israel e à Filístia, em que havia muito mais ossos de porco na planície costeira do coração tradicional da Filístia. Agora, ele aconselhou cautela ao aplicar isso a qualquer designação étnica, mas a maioria dos estudiosos jogou isso ao vento e passou a identificar qualquer local que não tivesse ossos de porco com israelitas e todo local que tivesse ossos de porco com filisteus, o que não é o que ele estava dizendo. Temos outra peça desse quebra-cabeça, que são os cananeus, eles também não gostavam muito de porcos.

Isso complica as imagens e continua o debate sobre como podemos usar ossos de porco. E o debate continua também com muitas destas outras características. Casas de quatro cômodos foram descobertas em lugares não tradicionalmente atribuídos ao antigo Israel, portanto, jarros e terraços com colarinho são muito difíceis de datar.

E, de facto, muitos dos que foram associados à Idade do Ferro são, na verdade, muito posteriores. Da mesma forma, com cisternas, muito difíceis de datar, muitas precedem qualquer Israel histórico e padrões alimentares, como já falamos. Então aqui estão os dados, mas como mencionamos, são complicados, são parciais e existem diferentes estruturas interpretativas que podem ser colocadas sobre isso.

Agora, há mais um grande dado que precisamos discutir quando pensamos no Israel arqueológico, e isso é um passo atrás no panorama geral da história mundial, desta transição entre o final da Idade do Bronze e a Idade do Ferro. Era I. Muitos estudiosos notarão um grande colapso que data aproximadamente de cerca de 1.200 aC, 1.200 aC, onde você tem essas grandes superpotências que governaram o mundo no final da Idade do Bronze que foram interrompidas, algumas desaparecendo para sempre. Então, durante a Idade do Bronze Final, você se lembra daqueles epicentros da civilização no Egito e na Mesopotâmia. Tínhamos a superpotência do Egito.

Tínhamos algumas superpotências diferentes na Mesopotâmia: uma no sul, a Babilônia, uma no norte, a Assíria, e antes delas, Mitanni. E então, no oeste, tivemos o reino hitita na Anatólia. Essas superpotências eram poucas e grandes, e disputariam esta terra entre os famosos confrontos entre os hititas e os egípcios na Batalha de Cades, na parte norte das terras bíblicas, no rio Orontes.

Portanto, temos este empurrão entre os hititas e os egípcios. Eventualmente, a paz é feita e o Egito domina as terras bíblicas, Israel, Palestina. E assim nesta região teriam postos avançados e postos avançados egípcios, e estes foram recuperados arqueologicamente.

Podemos identificar a cultura material egípcia. Também notamos uma grande quantidade de cultura híbrida que se mistura com a cultura cananéia local. Mas você tem esses epicentros que se reportam ao Egito.

Temos uma visão maravilhosa deste período através do arquivo de Amarna, a meio caminho do Nilo, ou melhor, rio acima, com o fluxo do Nilo. Esta cidade do chamado rei herege Akhenaton e Amenhotep III, seu pai, esta coleção de cartas aos seus vassalos no Levante. E estas são cartas fascinantes.

Causou bastante empolgação, bastante empolgação no início porque sempre falavam desses habiru ou desses apiru, esses saqueadores sem terra que vinham e destruíam as cidades. E as pessoas ficavam esperando para ler que um deles poderia se chamar Josué ou algo parecido. Na verdade, sabemos os nomes de alguns desses vassalos, e a conexão entre o material bíblico é mais ou menos assim.

Portanto, esta poderia ser uma das complicações para aqueles que entenderiam que um êxodo já teria acontecido neste momento, porque o Egito parece firmemente no controle desta terra. Até o facto de haver cartas de reclamação destes diferentes governantes destas cidades-estado de volta ao rei do Egito dizendo, ei, envie-nos as suas tropas, somos os seus vassalos leais, fala do controle do Egito nesta região.

Mas esse controle começou a diminuir um pouco no final do século XII. E no século 11, o Egito havia desaparecido completamente desta região. Então o que aconteceu? Bem, em primeiro lugar, as evidências.

Temos camadas de destruição, grandes cidades que têm camadas de destruição não apenas em toda a região do sul do Levante, mas também em lugares tão distantes como o Egeu, as grandes civilizações micênicas entraram em colapso. Em toda a Anatólia, a capital hitita de Hattusha foi destruída nesta época. Chipre, algumas destruições, mas também alguma continuidade.

E então o Egito e o Levante. Então, também temos descrições literárias. O mais famoso é o templo mortuário de Ramsés III em Medinet Habu, que contém descrições iconográficas e epigráficas do que estava acontecendo.

Nesta cena, você vê aqui um grupo de povos do mar ligados que alguns identificaram com um povo do mar específico conhecido como Peleset. Mas estes são bastante estranhos, alguns desses textos sobre os quais você leu. E também temos cartas de

Ugarit que me lembram uma daquelas cenas dos filmes em que eles estão vindo, eles estão vindo, e a caneta sai da página.

Então, quem vem? Bem, temos esta descrição da grande vitória de Ramsés III. E, claro, os reis egípcios, como todos os antigos reis do Oriente Próximo fora da Bíblia, nunca perderam. Mesmo quando perdem, não perdem.

Mesmo quando temos os dois lados da batalha, eles nunca perderam. Então, na sua versão, ele fala sobre como devastou isto, estes saqueadores do Ocidente, este grupo, esta coligação dos chamados povos do mar. O Chekher, o Shekelish, todos esses nomes de diferentes povos do Ocidente.

E agora também compreendemos alguns vindos da Anatólia, que vieram contra a costa oriental do Mediterrâneo, e Ramsés III os impediu. Então, ele tem ótimas representações iconográficas de batalhas navais. Há fotos de batalhas terrestres.

E então ele diz que os instalou em sua fronteira. Ele estabeleceu esses povos derrotados na fronteira. É uma coisa legal de se fazer, especialmente se você quiser resolver seus inimigos bem na sua fronteira.

Mas de qualquer forma, isso é reportagem egípcia para você. Assim, parece que os povos do mar tiveram algum sucesso, mas o Egito resistiu por pouco, por pouco. E, de facto, Ramsés III é o último grande faraó deste período antes de entrarmos, antes de o Egito começar a perder o controlo sobre o Levante.

Mas um desses povos do mar é conhecido nas inscrições egípcias como Peleset, o PLST, Peleset. Não há vogais ali, mas podemos colocar algumas vogais, e com certeza soa muito como os filisteus. Na verdade, a maioria dos estudiosos concordaria que se trata, de fato, dos filisteus, no sentido de que os filisteus são um subconjunto de um desses povos do mar; pelo menos as primeiras gerações provavelmente estão em ondas.

Há muita discussão agora sobre a integração da cultura filisteia com a cultura semita. Na compreensão inicial disto, os assentamentos filisteus poderiam então ser identificados por uma cultura material específica, em contraste com a cultura da região montanhosa de que acabei de falar anteriormente. Assim, uma estrutura particular de lareira, presença de ossos de porco e um estilo particular de cerâmica que tem correlações com a cerâmica do Egeu.

Muito emocionante, esta combinação novamente de texto e artefato e até mesmo imagens colocou os filisteus na planície costeira do sul bem na época do colapso. Portanto, isso se encaixa muito, muito bem com essas primeiras histórias que temos na Bíblia de conflito entre os filisteus na planície costeira e os israelitas na região montanhosa. A cultura material, no entanto, pinta um quadro um pouco diferente do

que temos em algumas de nossas imaginações bíblicas, onde imaginamos os israelitas como os mais sofisticados por causa de nossos preconceitos e os filisteus, se você procurar Filisteu no dicionário, é alguma pessoa rude.

Você pode ver que isso cresce na interpretação de restos materiais, quando na verdade era o contrário. Os filisteus eram os habitantes cosmopolitas da planície por onde passava a rota internacional, e os israelitas eram o povo das montanhas confinado à região montanhosa. Então, essas são algumas das descrições literárias.

As cartas ugaríticas falam assustadoramente sobre ver navios e se perguntar se alguma ajuda virá, e então temos um fim abrupto para essas cartas. Pesquisas recentes identificaram fatores ambientais como o gatilho para esta convulsão. Dessecação intensa, um ressecamento que levou a uma série de secas.

E então, com recursos limitados, as pessoas em posições de poder competiriam por esses recursos, o que desencadeou uma onda de agitação política. E incluindo, mas não exclusivamente, estes movimentos de povos do mar do Egeu e da Anatólia para novas terras da costa oriental do Mediterrâneo. A consequência que vemos disto é que algumas das grandes civilizações, nomeadamente a civilização do Cretáceo na Anatólia e a civilização micénica no Egeu, já não existem.

Este é o fim dessas civilizações. Vemos também um fim abrupto do comércio marítimo e das importações. Há uma desurbanização que ocorre no sul do Levante, mas há alguma continuidade.

Então, com a maioria dessas coisas, estamos falando de generalizações. A Assíria parece ter mantido alguma continuidade na Mesopotâmia e, da mesma forma, em certas partes de Chipre. Mas, em geral, quando escavamos em locais no sul do Levante, podemos ver claramente uma distinção entre as camadas do final da Idade do Bronze, onde temos belas peças pintadas, e peças mais utilitárias no Ferro I. Algumas das estruturas parecem mais temporário, certamente menos monumental do que o final da Idade do Bronze.

Temos vários assentamentos marcados por poços de armazenamento; se as pessoas viviam em algum tipo de habitação, se temos nómadas que se estão a estabelecer, ou se estes poços de armazenamento podem estar ligados a habitações mais permanentes, permanece em debate. Agora, pensando bem, por que estamos dando isso, voltando no tempo para falar sobre o antigo Israel? Bem, já mencionamos que temos a Estela de Merneptah, temos esta explosão de assentamentos, e agora demos um passo atrás e olhamos para o quadro geral da situação geopolítica. Bem, este é o contexto em que os grandes impérios entraram em colapso ou estão enfraquecidos.

Temos todos esses reinos surgindo na terra. Bem, um desses pequenos reinos que podemos identificar como Israel. Então, quando juntamos todas essas peças e olhamos para o quadro geral, a história da Bíblia, essas peças se ajustam muito bem ao amplo período de tempo, ao quadro geral do que está acontecendo.

Israel, neste tempo e neste espaço, é um desses reinos incipientes que surge das cinzas do colapso do final da Idade do Bronze. Também temos o advento de um uso mais difundido do alfabeto. Portanto, o escribalismo é um tema muito debatido nos estudos do Antigo Testamento, onde sabemos que começou, o alfabeto foi inventado bem cedo.

Na verdade, novas evidências apontam para o facto de que foi inventado mais cedo do que pensávamos anteriormente. Então, algo como 1700 aC, até 1800 aC, uma adaptação da escrita hieroglífica em vez de, como funciona nos hieróglifos egípcios e da mesma forma com os signos acadianos, você pode ter um signo funcionando como um determinante do qual já falamos. Você pode fazê-lo funcionar como um som, mas também pode fazê-lo funcionar como uma palavra inteira ou como uma sílaba.

Portanto, existem muitas maneiras diferentes pelas quais diferentes sinais podem funcionar. A beleza do alfabeto é que ele se restringe apenas ao som. E assim, você pode ter um conjunto limitado de sinais, de 20 a 30 em ugarítico, que podem representar sons diferentes e transmitir a linguagem de maneira muito mais simplista.

Portanto, embora tenha sido inventada, a ideia de um alfabeto muito cedo, parece que só se concretizou mais tarde. A maioria concordará que por volta do século 7 aC, era mais difundido. Temos muitas evidências arqueológicas para isso.

Nesses séculos intermediários, os estudiosos terão diferenças de opiniões para a explosão da escrita. Mas parece, neste contexto, mesmo o próprio facto da cultura dos escribas do final da Idade do Bronze estar agora a ser adaptada aos reinos locais, que este é o período de tempo em que alguém além das superpotências pode dar-se ao luxo de contratar um escriba. Você sabe, os escribas não foram embora.

Para onde eles foram? A que língua, a que mundo linguístico eles se adaptaram? E temos as origens da escrita em epicentros menores. Então, aqui nesta transição entre o final da Idade do Bronze e a Idade do Ferro, é aqui que alguns de nós veremos a origem destes textos bíblicos que agora preservamos em formas posteriores na Bíblia. Então, este é um momento significativo.

Então, nesse contexto, quais são essas histórias dos antepassados que preservamos na Bíblia? Então, a primeira coisa que quero fazer é avançar para a história dos EUA antes de falarmos sobre as histórias dos ancestrais e colocar esta imagem de uma

pintura muito famosa de Immanuel Lutz, que retratou em 1851, retratando a Travessia do Delaware em Washington em 1776. E você pode ver que é uma representação bastante heróica. E muitos apontarão problemas históricos com esta representação.

Em primeiro lugar, vamos, George, você vai ficar assim nas amuradas de um barco em meio a icebergs? Isso não parece muito inteligente. E quero dizer, temos cavalos e barcos atrás de você. Se você já andou de canoa, sabe que não quer nem um cachorro na canoa, a menos que seja bem comportado, muito menos um cavalo.

Depois temos uma bandeira americana segurada por James Monroe, o quinto presidente que está atrás dele. Ele estava na batalha, mas não sei se estava logo atrás de George. E ele carrega uma bandeira americana, mas Betsy Ross ainda não começou a costurar.

É interessante. E então veja quem está no barco. Temos um homem da fronteira do Tennessee, um imigrante escocês, um afro-americano, uma mulher.

Temos vários povos nativos americanos representados. Esta é uma unidade e tanto, uma unidade e tanto. E assim, as pessoas apontarão que isso não ressoa historicamente.

Mas eu digo, não se preocupe, porque na verdade é pouco conhecido, mas tenho uma imagem real de como realmente era, como realmente era. Então, você está pronto? Aqui está o que realmente parecia. Foi um ataque surpresa.

A travessia foi à noite. Então não foi, você não conseguia ver nada. Isso é o que realmente parecia.

Então, a questão é: o que está sendo retratado aqui? O que está sendo, a história está sendo retratada aqui? Bem, sim, este foi um evento histórico real. Mas isso remonta ao que estávamos falando, onde a história informa a história, em vez de a história informar a história. Isto se baseia em ocorrências históricas, mas é muito mais do que apenas fatos.

Isto representa uma perspectiva de meados do século XIX, olhando para o que ele imaginou no seu próprio país e o que esperava que acontecesse nos Estados Unidos. Há uma estrela de esperança, a ideia de que estamos todos juntos neste barco, qualquer que seja a nossa origem étnica, qualquer que seja o nosso país de origem, qualquer que seja a nossa formação linguística que possamos escolher. Este é o tipo de mensagem que ele tentava comunicar com base num acontecimento histórico, mas rica em camadas de significado que vão além dos acontecimentos particulares.

Então, gosto de usar isso como uma ilustração do que a Bíblia está fazendo em muitas de suas histórias. Está muito enraizado no mundo antigo. Está enraizado nas realidades de pessoas reais, lugares reais e tempos reais.

Mas também é muito mais. Lembre-se de que esta é, em última análise, uma história sobre Deus e seu povo e como esse relacionamento funciona. Não se trata, antes de mais nada, de nos dar um relato histórico da forma que desejamos.

Isso é realmente um esnobismo histórico, ou poderíamos até dizer arrogância, querermos que isso nos seja dado na forma que queremos que seja, em vez da forma que é. Portanto, antes de falarmos sobre histórias bíblicas, gostaria de divulgar isso como um lembrete de que muitas dessas histórias são representações artísticas de eventos, pessoas, lugares e épocas do passado. Então, veremos evidências dessa cultura antiga.

Mas também precisamos de nos lembrar, precisamos de estar atentos à ideia de que está a dizer algo à geração que está a contar a história. Então, vemos isso nessas histórias dos ancestrais. E começamos com histórias de origem.

Assim, os primeiros 11 capítulos do Gênesis que muitos dirão foram escritos ainda mais tarde, talvez na época da monarquia. Mas eles estão muito enredados e imersos no mundo do antigo Oriente Próximo. Então, arqueologicamente, para muitas dessas histórias sobre as quais falaremos, as evidências arqueológicas operam de uma maneira diferente.

Estamos a olhar para textos antigos que foram escavados na Mesopotâmia e no Egito para compreender que temos um mundo que está a ser comunicado aqui e é contado num estilo literário particular, num género. E como essas coisas se comparam e contrastam? Então, temos na história bíblica a criação. Temos vários relatos da criação, Gênesis 1 e depois Gênesis 2, 4 e os seguintes.

Depois temos alguns remanescentes em outros lugares, Salmo 74. E depois temos esta rebelião humana. Então temos esta grande inundação.

Depois, há a proliferação da humanidade. Temos essas mesmas coisas descritas, às vezes na mesma ordem, em textos antigos do Oriente Próximo. E comparando-os e contrastando-os, podemos ver as diferentes ênfases das histórias específicas.

Muitas vezes, estamos empenhados em tentar espremer esta estaca quadrada num buraco redondo dos tipos de perguntas que queremos que sejam respondidas a partir destas histórias, geralmente sobre ciência ou história. Em primeiro lugar, não se trata de nada disso. Eles são muito maiores no objetivo do que estão comunicando.

Eles estão falando sobre Deus e seu povo e como tudo isso funciona. Quero apontar apenas uma ilustração de por que isso é realmente importante, muito importante. Isto é, quando buscamos os tipos errados de perguntas, perdemos coisas essenciais que a Bíblia está comunicando.

Então, se você pensar em todos os debates em certos círculos sobre origens, criação, evolução, todos esses tipos de coisas, quando falamos sobre essas coisas mais do que falamos sobre o conteúdo do que está sendo comunicado em seu contexto antigo, nós perder algumas coisas maravilhosamente importantes. Tomemos, por exemplo, a imagem de Deus. A imagem de Deus, quando entendida no seu contexto do antigo Oriente Próximo, é algo com que os antigos estariam muito familiarizados, mas não da forma como normalmente pensamos nela.

Eles conheciam a imagem de Deus. Os reis eram a imagem de Deus. Reis e governantes, como ídolos, imagens e ícones, também eram de alguma forma imagens de Deus.

Então, eles tinham entendimentos diferentes sobre isso em diferentes partes do antigo Oriente Próximo, mas entendiam uma relação estreita entre a imagem e o governante, o rei. E agora você tem esta proclamação em Gênesis 1 de que todos os seres humanos, homens e mulheres, independentemente de qualquer hierarquia pretendida que possamos criar, como por uma construção social como raça ou qualquer tipo de hierarquia de gênero, essas coisas são obliteradas neste conceito de Deus imbuindo todos os seres humanos com a sua imagem, com a sua imagem. Podemos ver isso em total contraste quando estamos familiarizados com esses conceitos antigos que conhecemos de textos antigos recuperados por meio de informações arqueológicas.

Então, esse será o único exemplo. Poderíamos continuar com cada um deles. Também temos histórias ancestrais, as histórias de Abraão e Sara, Isaque e Rebeca, e depois passamos para Jacó, e temos Lia e Raquel e também as outras esposas que continuam a criar, ou através dessas coabitações, fornecem o contexto para a estrutura tribal sobre a qual lemos no resto do Antigo Testamento, as chamadas 12 tribos de Israel, das quais existem diferentes ordenações e inclusões, incluindo meias tribos e discussão sobre levitas que estão além da discussão direta aqui.

Mas temos muitos paralelos arqueológicos que foram apontados para este período, paralelos culturais, que muito entusiasmo foi gerado nos primeiros períodos dos estudos bíblicos, ligando estas histórias a um período histórico específico. Estudiosos posteriores surgiram e mostraram, com razão, que o problema é que muitos destes paralelos culturais, como as adoções substitutas, continuam ao longo de múltiplos períodos e períodos históricos. Portanto, há complicações em tentar colocar estas histórias em qualquer período de tempo específico com base na data, mas mesmo

assim são valiosas para, mais uma vez, nos lembrar deste contexto antigo destas histórias de povos que se deslocam.

Lembre-se do contexto histórico mais amplo, movendo-se de um lugar para outro em tendas. Também temos o êxodo, que é esse ato quintessencial da redenção de Deus que mencionei anteriormente. Não há nenhuma evidência arqueológica inequívoca para.

Isso é um problema. No entanto, temos muitas indicações na própria história de que os escritores, os escribas, estão muito familiarizados com a cultura egípcia antiga. Há um toque egípcio na história que demonstra a familiaridade desta história com o contexto dos períodos históricos do Egito.

Há um debate sobre quando isso cairá, mas há palavras emprestadas. Existem elementos da história que se encaixam melhor em um lugar do que em outro que levaram muitos a sugerir que há, de fato, uma correlação aqui, mesmo que não seja da maneira específica que muitos gostariam. Portanto, uma teoria popular entre alguns é que houve um grupo menor que saiu do Egito.

Torna-se complicado com esses outros povos que são então incorporados ao antigo Israel. Mas muitos dos que sugerem isso observam que até o próprio testemunho da Bíblia é uma multidão mista que sobe do Egito. E temos uma ideia disso nas descrições das histórias que se seguem à conquista e depois ao período dos juízes.

E a Bíblia aparentemente dá perspectivas diferentes sobre este período. Um é incrivelmente violento e repentino. E para aqueles de nós que pensam profundamente sobre estas coisas num contexto teológico, isso é muito problemático.

Aparentemente, Deus ordenou o genocídio. Quando analiso estes textos nas aulas, lembro aos alunos o primeiro passo na abordagem destes textos de terror, estes textos violentos do Antigo Testamento, quer se refiram à guerra ou ao abuso ou tratamento de mulheres. Temos que lembrar que o primeiro passo para resolver isso é ficar incomodado.

São histórias horríveis. Estas são histórias horríveis que parecem contrastar muito com o caráter de Deus retratado em Jesus. Então, se não nos incomodarmos primeiro, estaremos pulando a verdadeira essência de ser cristão para tentar saltar para algum tipo de conexão com a história.

Então esse é o primeiro passo. A segunda é aprofundar essa ideia de gênero, a forma como as histórias são contadas. E muitos estudiosos diferentes, nessa segunda fase, apresentaram ideias muito diferentes, algumas que vão desde que isso nunca

aconteceu, e tudo é contado de uma forma hiperbólica, até diferentes entendimentos do que significa que eles realmente fizeram.

Outros sugerem que Deus se permitiu ser retratado incorretamente neste texto para mostrar quem ele era. No meu ponto de vista, estes são textos difíceis, textos muito difíceis que precisamos de proceder com cuidado e cautela antes de chegarmos definitivamente a qualquer tipo de conclusão e não fazer isso à custa de perder alguma da tensão moral que deveríamos ter em envolver esses textos. Mas a Bíblia também retrata uma perspectiva um tanto diferente ou paralela nos juízes como um processo mais gradual e até mesmo na segunda parte de Josué como um processo mais gradual.

Aquele em que diferentes povos cananeus estão até entrelaçados na essência de Israel em uma série de histórias complicadas. Arqueologicamente, mais uma vez, uma geração anterior de estudiosos notaria uma série de camadas de destruição que então correlacionariam com uma data específica do êxodo. E há discussão, debate entre aqueles de nós que afirmam que o êxodo histórico é uma data antiga ou tardia, uma data anterior em meados de 1400, uma data tardia em 1200 ou 1100.

Portanto, há debate mesmo entre aqueles que afirmam um êxodo histórico. Mas, arqueologicamente, há complicações em alinhar as diferentes camadas de destruição com descrições específicas em Josué. Se seguirmos a imagem dos juízes onde os temos espalhados ao longo do tempo e também geograficamente, todos esses dados se encaixam neste quadro maior do que eu estava discutindo no slide anterior.

E isto é, se lembrarmos, temos uma história que é o objetivo principal desses textos. Agora, não é uma história inventada do nada, mas é uma história que está enraizada naquele mundo real, e esse mundo real informa essa história. Então, se olharmos para o quadro geral do que conhecemos sobre o povo primitivo de Israel, bem na época deste colapso, uma explosão de assentamentos, algum debate sobre como podemos lidar particularmente com a cultura material, e então o fato da última O colapso da Idade do Bronze e as histórias que surgem nesses contextos que descrevem a situação nesse contexto, temos muitas peças que se juntam no quadro geral para sugerir que Israel, tal como o descrevemos na história, está muito enraizado no tempo e no lugar.

Então é aí que faremos uma pausa nesta discussão sobre o antigo Israel antes de nos voltarmos para os reinos.

Este é o Dr. Jonathan Greer e seus ensinamentos sobre arqueologia no Antigo Testamento. Esta é a sessão 3, Israel Primitivo.